

BANG BANG

2017 - RIO DE JANEIRO

+

Bang Bang #1 is a video by Raul Mourão of 5'38" duration produced in February 2017, in Rio de Janeiro. In it, we see a series of metallic structures balanced on glass bottles, which are destroyed, one by one, by bullets fired from a gun. The photography of the *slow motion* video is directed by Daniel Venosa and the original soundtrack is by the producer and musician, Ricardo Imperatore. + To create the work, a total of sixty sculptures were taken to a firing range and shot at using six different kinds of fire-arm, over a period of three hours. + In incorporating a fire-arm as an element/material of the work, Mourão returns to the theme of violence, a recurrent subject in his work. In addition to this, the act of shooting at a work of art, according to the artist, is a reference to the hatred of artistic creation, to the conflict between those who produce art and those who seek to attack it and destroy it. According to Mourão, "the video incorporates both the issue of urban violence and the destructive impulse of a reactionary community which opposes art".

+

Bang Bang #1 é um vídeo de Raul Mourão com 5'38" de duração realizado em fevereiro de 2017, no Rio de Janeiro. Nele, vê-se uma sequência de estruturas metálicas equilibradas em garrafas de vidro que são, uma a uma, destruídas por tiros que partem de armas de fogo. O vídeo em *slow motion* tem direção de fotografia de Daniel Venosa e trilha sonora original criada pelo produtor e músico Ricardo Imperatore. + Ao todo, para a concepção do trabalho, sessenta esculturas foram levadas a um centro de tiros e lá foram alvejadas por seis diferentes modelos de armas, ao longo de três horas. + Ao incorporar a arma de fogo como elemento/material da obra, retorna ao trabalho de Mourão o tema da violência, assunto recorrente em sua pesquisa. Além disso, a ação de atirar numa obra de arte, segundo o artista, faz referência também ao ódio pela criação artística, ao embate entre quem produz arte e quem deseja atacá-la, destruí-la. Para Mourão, "o vídeo incorpora tanto a questão da violência urbana quanto o impulso destrutivo de uma comunidade reacionária que se ergue contra a arte".



Bang Bang #1
2017
Vídeo, faixa stereo
Vídeo, stereo soundtrack
6 min.

Luisa Duarte - The World before the Shot

The first time I saw the sculptures by Raul Mourão where his famous *Balanços* (See-Saws) are balanced on different empty glass bottles, it was as if I were encountering something strangely familiar. The bottles played the role of an intruder in an unknown territory. The geometric sculptures built entirely from steel offered an unexpected sign of everyday life, with its own temperature and a fragility that was unprecedented at the time. This gesture, in my view, opened up a new perspective of meanings regarding a well-known aspect of the artist's process: which is to say, a state of strangeness created within a familiar situation.

We know that in the *Balanços*, made purely from steel, the power is generated by the unlikely combination of weight and lightness, where the rigidity of the material is infected by the playful vibration of the movement. As has been observed, this meeting of opposites has as one of its causes the fact that these sculptures emerged from Raul's drawings. In other words, in the genesis of these works, which are so secure and proud, one notes an experimental, unpredictable, risk-taking quality. It is from this unsuspected kinship between opposites that the strength of much of these works derives.

This poetic foundation, in a state of constant friction, encounters a matchless moment in the video *Bang Bang* (2017). Over the course of six minutes, six different sculptures forged from this combination of elements – the steel geometry and the glass bottle – have their most vulnerable part targeted by a direct shot. We don't know where the attack comes from. One, two, three, four, five, six works have their bases shattered. In other words, what matters here is not the annihilation of a specific work but rather that we are made to think about the meaning of the successive repetitions of the same type of impact.

On incorporating the fire-arm into the piece, the theme of violence is restored to the artist's work. We may recall that, for many years, Raul produced numerous works which made direct reference to the railings that populate urban centers, thus alluding to a visuality that embodies the fear of violence in Brazil's big cities. In the words of Paulo Herkenhoff, these steel sculptures, produced from 2001, are about the "geometry of fear in a precise historical context."

Raul has conceived and produced *Bang Bang* in the light of the events of 2017, when Brazilian contemporary art has become the target of a fascist rage that is plaguing Brazil, forcing us to witness countless cases of the censorship of freedom of expression.¹ The video can thus be read as a response to a moment where art has become a target of violent forces. But it should be noted that *Bang Bang* in no way illustrates this situation, which would render it merely propagandist.

Firstly, he creates a poetic event characterized by concision. The bottle, the geometric steel form, the kinetic register incorporated there which places everything in tenuous balance: the artist creates

O mundo antes do disparo

Quando vi pela primeira vez as esculturas de Raul Mourão nas quais os seus conhecidos Balanços se equilibravam sobre diferentes garrafas de vidro vazias, foi como se me deparasse com uma espécie de estranho familiar. A garrafa desempenhava ali o papel de um intruso em território conhecido. As esculturas geométricas construídas somente em aço traziam, inesperadamente, um índice da vida mundana com sua temperatura própria e uma fragilidade até então inaudita. Tal gesto, aos meus olhos, instaurava uma nova perspectiva de significados para um procedimento já conhecido da produção do artista, ou seja, estava forjado um estado de estranhamento dentro de uma situação familiar.

Sabemos que nos Balanços, feitos somente com aço, a potência está dada pela junção improvável entre peso e leveza, na qual a rigidez do material é contaminada pela vibração lúdica do movimento. Como já foi observado, tal encontro de contrários tem como uma das causas o fato de tais esculturas surgirem de desenhos de Raul. Ou seja, na gênese dessas obras, tão seguras e altivas, encontra-se um traço ensaístico, imprevisível, amigo do risco. É dessa insuspeitada irmandade entre opostos que ascende boa parte da força desses trabalhos.

Essa poética calcada em constantes fricções encontra um momento ímpar no vídeo Bang Bang (2017). Ao longo de seis minutos, seis diferentes esculturas forjadas por essa combinação de elementos – a geometria em aço e a garrafa de vidro – têm a sua parte mais frágil alvejada por um tiro certeiro. Não sabemos de onde parte o ataque. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis obras têm a sua base estilhaçada. Ou seja, não interessa aqui o aniquilamento de um trabalho específico, mas sim nos é dado a pensar qual o sentido das sucessivas repetições de um mesmo tipo de golpe.

Ao incorporar a arma de fogo como parte da obra, o tema da violência volta à produção do artista. Lembremos que Raul realizou, ao longo de vários anos, inúmeros trabalhos que faziam remissão direta às grades que povoam os centros urbanos, aludindo assim a uma visualidade que encarna o medo da violência nas grandes cidades do país. Nas palavras de Paulo Herkenhoff, essas esculturas em aço, realizadas a partir de 2001, tratavam da "geometria do medo em contexto histórico preciso".

Raul pensa e realiza Bang Bang à luz dos acontecimentos de 2017, quando a arte contemporânea brasileira se tornou alvo da sanha fascista que assola o Brasil, nos fazendo testemunhar inúmeros casos de censura à liberdade de expressão.¹ O vídeo pode ser lido, portanto, como uma resposta ao momento no qual a arte se tornou alvo de forças violentas. Mas, note-se, Bang Bang jamais ilustra tal situação, o que o tornaria panfletário.

Antes instaura um acontecimento poético marcado pela concisão. A garrafa, a forma geométrica em aço, o registro cinético ali investido que coloca tudo em um equilíbrio tênue: o artista cria uma cena a um só tempo lúdica e rigorosa, afetiva e sóbria, delicada e tesa. Espécie de

1 In 2017, several art exhibitions were the target of censorship in Brazil. For more on this subject, see the dossier "Brazilian art under attack". Jacaranda, n. 6. Available at: <<http://www.jacarandamagazine.com>>.

1 Em 2017, diferentes exposições de arte foram alvo de censura no Brasil. Sobre este assunto, ver o dossiê "Brazilian art under attack". Jacaranda, n. 6. Disponível em <<http://www.jacarandamagazine.com>>.

a scene that is simultaneously playful and stern, emotional and sober, fragile and tough; a kind of hourglass that contains a time that could shatter at any moment. A meeting of opposites: the empty bottles full of memories that contain countless narrative possibilities and the metallic geometric forms closed in on themselves.

The attacks launched against each bottle, shown in slow motion, initiate a time without truce, the shattering of an (im)possible balance. Finally, the attacks directed against the field of art were not informed by any degree of critical consideration, but were primarily characterized by a desire for a complete silencing – the annihilation itself – of the discourse of the other, of he or she who is different. In other words, the direct shot of *Bang Bang*, whose author is anonymous, precisely replicates this relationship deprived of any attempt at reflection or dialogue.

If we pause the video at 24 seconds, a fraction before the first shot, only the soundtrack indicates that something serious and irreparable is about to occur; since Raul's sculpture is nothing more than the proof of the possibility of power derived from a meeting of opposites. This visual declaration of a possible balance between different things – the universal geometric forms and the botch-job of the empty bottles – and the beauty derived therefrom is proof that, in the field of art, we possess the chance to daily embark on what, in the so-called real world, sometimes appears impossible to us.

While, there outside, everything seems irreconcilable, a war between deaf parties, the artist constructs an allegory about these somber times through what he does best: a translation of the experience of life guided by critical distance that does not allow this translation to be reduced to a mere illustrative gesture. In other words, his *Bang Bang* does indeed concern the violence inflicted on art, but it is also, simultaneously, a testament to the durability of art: proof of its capacity to address us, in the midst of a 'bang bang' with no end in sight; the declaration of a possible equilibrium where the power of life occurs precisely in the meeting of the different. If reality plunges us into a paralyzing nihilism, art can still preserve our capacity to imagine another possible world, closer to that evoked by the work of Raul Mourão before each shot.

ampulheta que conta um tempo que pode, a qualquer momento, se romper. Encontro de opostos: as garrafas vazias plenas de memórias que trazem inúmeras possibilidades narrativas e as formas geométricas metálicas fechadas em si mesmas.

Os ataques impetrados contra cada garrafa, exibidos em câmera lenta, anunciam um tempo sem trégua, o estilhaçamento de um equilíbrio (im)possível. Afinal, os ataques direcionados ao campo da arte não foram permeados por algum grau de elaboração crítica, mas antes se caracterizavam por uma vontade de completo silenciamento – aniquilamento mesmo – do discurso do outro, do diferente. Ou seja, o tiro certeiro cujo autor é anônimo de Bang Bang emula, justamente, essa relação privada de todo e qualquer esforço de reflexão e diálogo. Se pausamos o vídeo em 24 segundos, um átimo antes do primeiro disparo, somente a trilha sonora pode evocar que algo grave e inconciliável está por vir. Pois a escultura de Raul nada mais é do que a prova da chance de uma potência oriunda do encontro de opostos. Essa enunciação visual de um equilíbrio possível entre diferentes – as formas geométricas universais e a gambiarra instaurada pelas garrafas vazias – e a beleza dali derivada é a prova de que, no território da arte, é tecida a chance de inaugurarmos, diariamente, aquilo que no chamado mundo real por vezes nos parece inviável.

Enquanto lá fora tudo parece inconciliável, guerra entre surdos, o artista edifica uma alegoria sobre esses tempos sombrios valendo-se daquilo que faz melhor: uma tradução da experiência da vida orientada pela distância crítica que não permite que a tradução caia no mero gesto ilustrativo. Ou seja, o seu Bang Bang versa, sim, sobre a violência infligida contra a arte, mas também é, a um só tempo, um atestado de resistência da arte. Prova da sua capacidade de nos endereçar, em meio a um bang bang sem perspectiva de fim, o anúncio de um equilíbrio possível no qual a potência do vivo se dá, justamente, no encontro calcado pelo encontro entre diferentes. Se a realidade nos lança em um nihilismo paralisante, a arte ainda pode salvaguardar a nossa capacidade de imaginar outro mundo possível, mais próximo daquele evocado pela obra de Raul Mourão antes de cada tiro.

Guilherme Gutman -Stray Bullet

or

“Do not allow poetry, in any circumstance”¹

or

Ever since art has existed, there has been a desire to destroy art.

About a film by Raul Mourão.

Waiting for what is about to happen is as - or even more - distressing than when the shot is fired. Then, without the benefit of the doubt, there is a strange comfort in knowing that the tragicomic act² has inescapably happened.

Without knowing where the bullet is coming from, the greater - iconic - fear is that the bullet is faster than the camera.

Waiting for what is going to happen takes a long time; even if it doesn't, since its time was measured by the still-born metre of the norms of our time.

The shot flies relentlessly. Sure of itself; inexorable, in an assertive movement; without doubts, like the gears of a locomotive. With no return. A machine shot.

There is no cry. The dim light of the studio indicates that it is early or late; foggy or calm, in the city.

Nobody runs, nobody shouts, nobody sees.

Everything happens after the shot is fired.

The shot cuts in half a synesthetic, sonic atmosphere, as in a film by Kubrick: *Paths of Glory* (1957), *Dr. Strangelove* (1964), *The Shining* (1980), *Full Metal Jacket* (1987), *Eyes Wide Shut* (1999).

The sound of the bottle when shattered by the bellicose bullet is different to that of the wave that explodes, deafeningly and intensely, on the city beach.

Bellicose bullet, gentle beast.

Dada bullet; bullet given to alliterations.

Bullet that shoots, that buzzes and brays; that scoffs and cracks.

Zoomorphic bullet; dog that bites.

Following the centrifugal movement of the many fragments of glass that pulverize the air, the bottle is already different.

Now the bottle is an irregular carpet of glass, on which the metal structure of the sculpture rests. Glass that offers itself as milk to the oxidized element; glass that is mixed with rust, that supports the metal that, a short time ago, the bottle supported.

The first impression is that the metal part of the kinetic work is preserved after the shot; but no. The disfigured bottle incorporates the work, through the violence of the cold, lead bullet that did not know how to also wait and sweetly dissolve, in its own process of oxidization.

The bottle that spins in its unique rhythm³ in its bottleneck; the pendulum of Raul's kinetic sculptures remains alone, on stage, like the actors of the monologues of the giants of the theatre.

Do any of us know what it means to spin entirely alone, *Like a rolling stone*?⁴

1 Socrates; Plato.
2 Comic in the sense adopted by Dante (1265-1321), in his *Divine Comedy*, in allowing mythology or historical dramas to discuss the lives of common people.

3 A kind of idiorrhymia, in the conception of Barthes, in *How To Live Together* (course at the Collège de France, 1976-7).
4 Muddy Waters; Bob Dylan; Jimi Hendrix.

Bala perdida.

ou

“Não admitir, em nenhum caso, a poesia”³

ou

Desde que existe arte, existe o desejo de destruir arte.

Sobre um filme de Raul Mourão

A espera pelo que está por acontecer é tão ou mais angustiante do que quando o tiro parte. Já então sem o benefício da dúvida, há um conforto estranho em se saber que o ato tragicômico², inelutavelmente, já aconteceu.

Sem que se saiba de onde vem o tiro, o temor maior - icônico - é o de que a bala seja mais rápida do que a câmera.

A espera pelo que vai acontecer é muito longa; ainda que não o seja, já que o seu tempo foi medido pelo metro mal nascido das normatividades de nossa época.

O tiro parte severo. Seguro de si mesmo; inexorável, em um movimento assertivo; sem dúvidas, tal como a engrenagem de locomotiva. Sem volta. Tiro máquina.

Nenhum grito. A luz bem baixa do estúdio indica que é cedo ou tarde; nebulina ou sereno na cidade. Ninguém corre, ninguém grita, ninguém vê. Tudo passa, depois que o tiro partiu.

*O tiro parte em meio a uma ambiência sonora sinestésica, tal como em um filme de Kubrick: *Paths of Glory* (1957), *Dr. Strangelove* (1964), *The Shining* (1980), *Full Metal Jacket* (1987), *Eyes Wide Shut* (1999).*

O som da garrafa quando corrompida pela bala bélica é diferente da onda que explode ensurdecadora e intensa na praia da cidade.

Bala bélica, besta bondosa.

Bala dadá; bala dada a aliterações.

Bala que parte, que zune e que zurra; que zomba e arromba.

Bala zoomórfica; cão que morde.

Depois do movimento centrífugo dos muitíssimos fragmentos de vidro que pulverizam o ar, a garrafa já é outra.

Agora a garrafa é um tapete irregular de vidro, sobre o qual pousa a estrutura de metal da escultura. Vidro que se oferece como leite para o elemento oxidado; vidro que se mistura à ferrugem, que sustenta o metal que, havia pouco, a garrafa sustentava.

A primeira impressão é a de que a peça de metal da obra cinética se preserva após o tiro; mas não. A garrafa desfigurada incorpora o trabalho, pela violência da bala plúmbea e fria que não soube esperar o tempo de também se dissolver docemente, em seu próprio processo de oxidação.

Garrafa que gira em seu gargalo o seu ritmo³ único; o pêndulo das esculturas cinéticas de Raul resta só, em cena, como os atores dos monólogos dos gigantes da dramaturgia.

*Algun de nós saberia dizer o que é girar absolutamente só, Like a rolling stone?*⁴

1 Sócrates; Platão.
2 Cômico tal qual o modo como o utiliza Dante (1265-1321), em sua Divina comédia, ao deixar a mitologia ou os dramas históricos para falar da vida da gente comum.

3 Uma espécie de idiorrhymia, na concepção de Barthes, em *Como viver junto* (curso no Collège de France, 1976-7).
4 Muddy Waters; Bob Dylan; Jimi Hendrix.

The work that then drives Raul Mourão's film is composed of the piece of metal, of the glass bottle and the effect of the projectile. The shot is fired. The bottle shatters. The metal part merely does a samba dance. Raul has always been alert to the city where he lives; aware also of all the other cities, thinking about the ugly railings since 1988-89, which, since then, have grotesquely ornamented the buildings: excrescences, vegetation that somehow advertised Brazilian urban violence, particularly that of the city of Rio de Janeiro. Observing the dynamic of the streets, the survival strategies, the signposts that the city confusingly presents and that suggest confused paths, Raul completes the circle by transforming the fluorescent vegetation, in a reverse move, back into excrescence.

On the transistor radio, the Walkman and the mp3, the shooters also die⁵, flashing their lead teeth⁶. Did this make the news? Every day, like the newspaper headlines, coloured in red, covered by a black cloth⁷, that only "animal traction" can reveal. Is there any consolation? Only Ivens Machado⁸. Is there any hope? Only that which will come from the Bishop of the Rosary, on the day of final judgment⁹. The bullet that was fired has a short life; like an insect that lives for only one day. But there is no poetic license for the bullet that is fired; there is shock, fear and bewilderment. All poetry could only have been written before or after its firing. The bullet that leaves does not come back. The news comes back. The cry comes back. After everything, the noise dissipates; silence in tense, urban muteness. Ever since art has existed, there has been a desire to destroy art.

O trabalho que então protagoniza o filme de Raul Mourão é composto pela peça de metal, pela garrafa de vidro e pela incidência do projétil. O tiro parte. A garrafa se estilhaça. A peça de metal samba só. Raul esteve desde sempre atento à cidade em que vive; atento também a todas as outras cidades, pensando desde 1988-9 sobre as grades feias que, desde então, ornamentaram grotescamente os prédios: excrescências, vegetações que, de algum modo, noticiavam a violência urbana brasileira, em especial aquela da cidade do Rio de Janeiro. Observando a dinâmica das ruas, as estratégias de sobrevivência, as setas de orientação que a cidade confusamente apresenta e que sugerem caminhos confusos, Raul completa o giro, ao fazer das vegetações florescências e, no movimento da volta, de novo à excrescência.

No rádio de pilha, no walkman, no mp3, também morre quem atira⁵, sorrindo os seus dentes de chumbo⁶. Virou notícia? Todos os dias, como as manchetes em páginas de jornal, tingidas em vermelho, cobertas por pano negro⁷, que só a "tração animal" pôde revelar. Há consolo? Apenas o de Ivens Machado⁸. Há esperança? Apenas aquela que virá de Bispo do Rosário, no dia do juízo final⁹. Tem vida curta, a bala que já partiu; como inseto que vive apenas um dia. Mas não há licença poética para a bala que parte; há assombro, há susto e desconcerto. Toda poesia só pôde ter sido escrita antes ou após a sua partida. Bala que parte não volta. Volta a notícia. Volta o grito. Depois de tudo, o som baixa; silencia em mutismo urbano e tenso. Desde que existe a arte, existe a vontade de destruição da arte.

5 Billy Roberts; Jimi Hendrix; O Rappa.
6 Paulinho da Viola.
7 *Repressão outra vez: eis o saldo* (1968), by Antonio Manuel.
8 *O Consolador - The Consoler* (1979), reinforced concrete and glass.
9 *Muro no fundo de minha casa* - Wall at the end of my house (undated), wood, concrete and shards of glass.

5 Billy Roberts; Jimi Hendrix; O Rappa.
6 Paulinho da Viola.
7 *Repressão outra vez: eis o saldo* (1968), de Antonio Manuel.
8 *O Consolador* (1979), concreto armado e vidro.
9 *Muro no fundo de minha casa* (sem data), madeira, concreto e cacos de vidro.







































